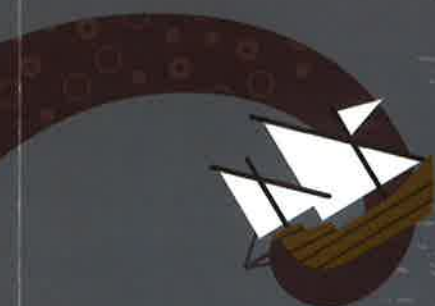


PORTUGAL

em falta



ATLAS IMPROVÁVEL

 SANTILLANA

Organizadores

Bruno Monteiro
Nuno Domingos

Ilustração

Tiago Albuquerque
Nádia Albuquerque

Textos

Adriana Delgado Martins
Alexandra Castro
Alexandra Oliveira
Ana Cordeiro Santos
Ana Estevens
Ana Moreira
Ana Paula Pires
Bruno Monteiro
Diego Palacios Cerezales
Diogo Duarte
Dulce Freire
Elsa Peralta
Emília Margarida Marques
Fátima Sá e Melo Ferreira
Fátima Vieira
Filipa Lowndes Vicente
Helena Topa
Inês Brasão
João Baía
João Queirós
José Manuel Sobral
José Mapril
Luís Bernardo
Maria Inês Coelho
Miguel Bandeira Jerónimo
Miguel Chaves
Miguel Vale de Almeida
Nuno Camarneiro
Nuno Dias
Nuno Domingos
Patrícia Alves
Pedro Sobrado
Telmo Alcobia
Victor Pereira

Fotografia

Ana Brígida
Agência LUSA
Arquivo Diário de Notícias
Arquivo Municipal de Lisboa
Arquivo Nacional Torre do Tombo
Centro de Estudos Africanos
da Universidade do Porto
Centro Português de Fotografia
Paulo Catrica
SOS Racismo
Valter Vinagre

PORTUGAL

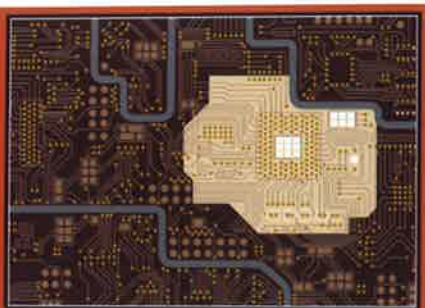
em falta

ATLAS IMPROVÁVEL



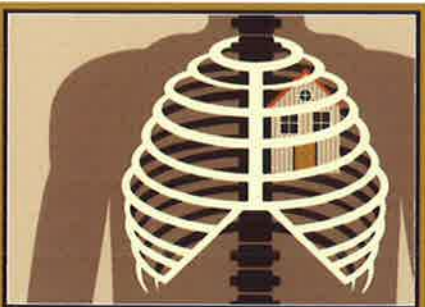
8 ESPAÇOS DO TRABALHO

- 10 O TRABALHO ESCONDIDO NAS COISAS
- 12 QUEM CONSTRUÍU OS SOCALCOS DO DOURO?
Os trabalhos da vinha e a transformação da paisagem — **DULCE FREIRE**
- 15 TRABALHAR NO VIDRO
A fábrica na fronteira entre matéria e sociedade — **EMÍLIA MARGARIDA MARQUES**
- 18 TRABALHO DOMÉSTICO IMIGRANTE
O encarceramento quotidiano de expectativas — **NUNO DIAS**
- 22 **INFOGRAFIA MORRER A TRABALHAR**



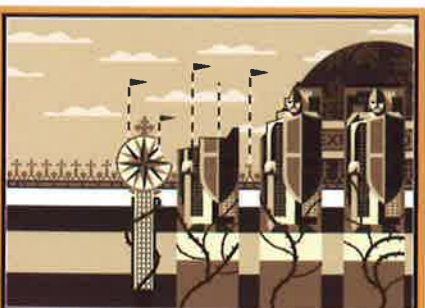
24 ESPAÇOS URBANOS

- 26 CIDADE, LUGAR ONDE
- 28 A VERGONHA
Desvio do descrédito e estratégias de mobilidade residencial e social no Bairro do Aleixo — **JOÃO QUEIRÓS**
- 35 O «ESPAÇO» DOS SUBÚRBIOS
Notas sobre a expansão (sub)urbana na região do Grande Porto — **MARIA INÊS COELHO**
- 38 A MOURARIA DE LISBOA — A SUA TRANSFORMAÇÃO
Produção e estetização das cidades — **ANA ESTEVENS**
- 42 **INFOGRAFIA LIXO LUSITANO**



44 ESPAÇOS ÍNTIMOS

- 46 «É UMA CASA PORTUGUESA, COM CERTEZA...»
- 48 METAMORFOSES RECENTES DA HABITAÇÃO RURAL — **JOSÉ MANUEL SOBRAL**
- 54 O NEXO FINANÇA-HABITAÇÃO EM PORTUGAL — **ANA CORDEIRO SANTOS**
- 57 NA PERIFERIA
Notas sobre o trabalho e a vida das trabalhadoras domésticas (1940-1970) — **INÊS BRASÃO**
- 60 **INFOGRAFIA BRANDOS COSTUMES**



62 ESPAÇOS (PÓS-)COLONIAIS

- 64 O QUE RESTA DO IMPÉRIO
- 66 A QUESTÃO DO «TRABALHO INDÍGENA»
No império colonial português — **MIGUEL BANDEIRA JERÓNIMO**
- 69 FOTOGRAFIA, HISTÓRIA E ÉTICA
Do colonial ao digital — **FILIPA LOWNDES VICENTE**
- 73 «RETORNADOS», QUEM? — **ELSA PERALTA**
- 76 **INFOGRAFIA ESCRAVOS A BORDO**



78 ESPAÇOS À MARGEM

- 80 À MARGEM
- 82 CUIDAR, VIGIAR E REGISTRAR
Nos domínios da Roda do Porto (1689-1864) — **ANA MOREIRA E PATRÍCIA ALVES**
- 85 CIGANOS EM PORTUGAL
Uma conquista lenta da plena cidadania — **ALEXANDRA CASTRO**
- 88 VITIMIZAÇÃO, CRIME OU TRABALHO?
Definir a prostituição, hoje — **ALEXANDRA OLIVEIRA**
- 92 **INFOGRAFIA IR DENTRO**

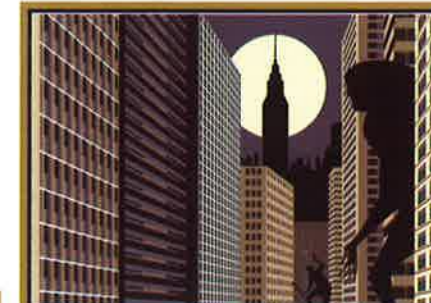
94 ESPAÇOS DOS PODERES PÚBLICOS

- 96 POLIEDRO ESTADO
- 98 DA ESCOLHA DA ESCOLA — **NUNO DOMINGOS**
- 104 GEOGRAFIAS DA MEMÓRIA
Os combatentes portugueses na I Guerra Mundial entre a filantropia e a conquista de direitos fundamentais — **ANA PAULA PIRES**
- 108 O CONTROLO DAS MOBILIDADES — **VICTOR PEREIRA**
- 112 **INFOGRAFIA PARA QUE SERVE O ESTADO SOCIAL?**



114 ESPAÇOS SUBVERSIVOS

- 116 VENCIDOS MAS NÃO CONVENCIDOS
- 118 GEOGRAFIA DA REVOLUÇÃO
Ocupações, atentados e manifestações durante o período pós-revolucionário — **DIEGO PALACIOS CEREZALES**
- 122 MARIA DA FONTE
Uma revolução improvável — **FÁTIMA SÁ E MELO FERREIRA**
- 125 ENCONTROS IMEDIATOS COM LEGIONÁRIOS
A Legião Portuguesa e as classes populares — **BRUNO MONTEIRO**
- 130 **INFOGRAFIA PUNHOS ERGUIDOS?**



132 ESPAÇOS DAS DIFERENÇAS

- 134 VIVER AS DIFERENÇAS
- 136 RECONHECER O ISLÃO
Legados coloniais, migrações globais e islamofobia em Portugal — **JOSÉ MAPRIL**
- 140 HISTÓRIA DE UMA QUESTÃO
O movimento LGBT em Portugal — **MIGUEL VALE DE ALMEIDA**
- 143 ANARQUISTAS E VEGETARIANOS — **DIOGO DUARTE**
- 146 **INFOGRAFIA EI-LOS QUE CHEGAM**



148 ESPAÇOS OCULTOS

- 150 NOTÍCIAS DO SUBTERRÂNEO
- 152 PODERES INVISÍVEIS
A corrupção em Portugal entre a aquiescência e a revolta individualizada — **LUÍS BERNARDO**
- 156 CONTRABANDO E RELAÇÕES TRANSFRONTEIRIÇAS — **JOÃO BAÍA**
- 160 DROGAS ILÍCITAS
O interdito absoluto e o cálculo de custo-benefício — **MIGUEL CHAVES**
- 166 **INFOGRAFIA PARA ONDE VAI O DINHEIRO?**



168 ESPAÇOS IMAGINADOS

- 170 IMAGINAR PORTUGAL
- 172 DA MOREFOBIA À MOREFILIA
Venturas e desventuras de *Utopia*, de Thomas More, em Portugal — **FÁTIMA VIEIRA**
- 176 MUSEU DO PORTUGAL FUTURO — **NUNO CAMARNEIRO**
- 180 PORTUGAL 2051? «A CIDADE E AS SERRAS» — **TELMO ALCOBIA**
- 182 **INFOGRAFIA GOLPES DA SORTE**



QUEM CONSTRUIU OS SOCALCOS DO DOURO?

OS TRABALHOS DA VINHA E A TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM

Nos rótulos das garrafas de vinho do Porto, deparamos com nomes de quintas e apelidos ilustres. Olhamos emocionados a vinha em socalcos no vale do Douro. Em contrapartida, pouco sabemos dos homens, mulheres e crianças que criaram, ao longo de centenas de anos, esta paisagem e este vinho. Sem o seu trabalho seria impossível esta singularidade vinícola. Ao nomear esta multidão de trabalhadores anónimos, lembrámos também um património de memórias, saberes e vivências que continua a escapar aos guias turísticos. ■

DULCE FREIRE

Historiadora, Instituto de Ciências Sociais — Universidade de Lisboa.

Nos livros estão os nomes das quintas, mas não constam os obreiros dos socalcos do Douro. A paisagem é emocionante. Mesmo passando de carro, barco ou comboio apenas nas principais vias de comunicação já é fácil perceber por que motivo foi classificada como Património da Humanidade, em 2001, pela UNESCO. Observando mais de perto torna-se perceptível que, para plantar as vinhas, foi necessário desfazer o xisto, que forma os vales percorridos pelos rios e riachos que correm para o Douro. As fotografias de finais do século XIX ou inícios do século XX mostram, ainda, encostas rochosas íngremes, escarpadas e acidentadas. A vegetação é escassa. Entretanto, muitas dessas fragas foram transformadas nas famosas vinhas, que tornam singulares os vinhos e as paisagens do Douro.

Em grande parte essa transformação foi feita sem máquinas. As retroescavadoras, os martelos pneumáticos ou os camiões, que hoje ecoam pelo vale do Douro, só se tornaram habituais por lá a partir de finais do século XX. A construção de socalcos terá

começado muito antes, no século XVII ou talvez mais cedo. Por isso, durante centenas de anos, a paisagem foi transformada com a energia e a experiência humanas, apoiadas em escassas alfaías e alguns animais de trabalho.

Quem construiu os socalcos do Douro? Nos documentos históricos existem poucas informações sobre as sucessivas gerações de trabalhadores que, «fazendo a pedra em terra», permitiram produzir o aclamado vinho do Porto. Quem desferiu os golpes de picareta para rasgar a rocha? Quem largou certeira o ponteiro de ferro até abrir o orifício para encher de pólvora que, ateadada a mecha, desencadeou a explosão e desfez as fragas? Quem carregou as pedras em excesso e as arrumou com perícia naqueles socalcos coerentes com as curvas de nível? Quem agarrou as enxadas que fizeram as «surribas», indispensáveis para plantar as cepas? São questões sem resposta. Também não se sabe quem cozinhou almoços, jantares e merendas ou transportou a água, para alimentar essas jornadas de trabalho.



Fotografia Alvão, Lda., Kopke
[: Rapaz nas vindimas da Quinta
S. Luiz], PT/CPF/ALV/036741.
Imagem cedida pelo Centro
Português de Fotografia.

«Nomes comuns, que receberam como jorna alguns réis e os caldos quentes habituais.»

Conhecem-se os nomes dos donos das quintas ou dos negociantes da cidade do Porto, que subiam o rio para regatear o preço dos melhores vinhos aos agricultores. Muitos, ingleses ou portugueses, são simultaneamente apelidos de família e marcas de vinho do Porto, mostrando como ambas as heranças podem ser perenes. Mas sobre quem construiu os socalcos pouco se sabe. Às vezes há nomes que surgem nos livros de contabilidade das casas de lavoura: Manuel, António, Francisco... Nomes comuns, que receberam como jorna alguns réis e os caldos quentes habituais. Década, após década, repetem-se os mesmos nomes próprios, sem apelidos, tornando impossível traçar genealogias familiares e reforçando o anonimato dos construtores do Douro.

Desde finais do século XIX, as fotografias começaram a dar rosto a quem tra-

balha. Essas imagens, muitas vezes com poses meticulosamente encenadas para o fotógrafo, mostram quase sempre rostos serenos ou até divertidos, que contrastam com gestos que se adivinham exigentes em esforço e precisão. Todavia, os traços da dureza do quotidiano laboral e doméstico continuam visíveis, mesmo em imagens a preto e branco: as roupas com remendos de diferentes padrões e tamanhos; as mãos e os rostos tismados pelo sol e pelo vento; a magreza acentuada pelo vestuário com tamanhos desadequados. Nas fotografias que documentam a construção das surpreendentes paisagens do Douro, raramente aparecem mulheres. Nos trabalhos das vinhas, as mulheres apenas assumiam a ribalta durante as vindimas, em outras ocasiões ficavam na sombra. Já as crianças, sobretudo os rapazes, são presença regular em todas as tarefas agrícolas, mesmo quando ficam de fora ou em segundo plano na composição do fotógrafo.

Na minúcia das regras locais que regiam cada uma das múltiplas tarefas agrícolas, o trabalho infantil estava devidamente ▶

ESPAÇOS DO TRABALHO



Fotografia Alvão, Lda., Kopke [: Carregadores de cestos nas vindimas da Quinta S. Luiz], PT/CPF/ALV/036742. Imagem cedida pelo Centro Português de Fotografia.



Fotografia Alvão, Lda., Borges & Irmão [: Vindimadeiras na Quinta da Soalheira], PT/CPF/ALV/036789. Imagem cedida pelo Centro Português de Fotografia.

enquadrado. As famílias contavam com os contributos das crianças desde os 5 ou 6 anos de idade, os quais podiam incluir trabalhar por conta de outrem recebendo como «salário» apenas refeições e alojamento. Trabalhar nas vinhas significava uma promoção no percurso laboral, que era atribuída a quem demonstrasse já ter destreza e conhecimentos suficientes para acompanhar os homens. Na «carreira profissional»

de jornaleiro, as promoções eram conjugadas com ganhos salariais. Um rapaz com 10 ou 11 anos poderia auferir o correspondente a uma mulher adulta (que recebia cerca de metade ou dois terços do salário do homem adulto em tarefas equivalentes), mas quando chegasse aos 16 ou 17 anos teria «jorna por inteiro», significando que era plenamente reconhecido pelos pares. Neste percurso, em que a escolarização era desvalorizada, imperava o analfabetismo.

«As famílias contavam com os contributos das crianças desde os 5 ou 6 anos de idade [...]»

Ainda que, até à década de 60 do século xx, a maior parte da população portuguesa residisse nas áreas rurais, a rede de escolas públicas demorou a chegar às aldeias. A construção de escolas tornou-se mais intensa a partir da década de 30 do século xx, mas os anos de escolarização obrigatória continuaram a ser reduzidos: três anos até ao início dos anos 50 e, desde então, uma lenta progressão que nos anos 80 correspondia a seis anos de escolaridade. Mesmo estando na lei que era obrigatório ir à escola, tolerava-se facilmente que os alunos faltassem às aulas. Muitos não compareciam quando as tarefas agrícolas se tornavam urgentes e aparecia uma oportunidade para receber um salário.

Durante centenas de anos, rasgar as encostas para «fazer» as vinhas do Douro foi uma dessas ocasiões em que não se podia «negar o trabalho», porque os rendimentos familiares eram sempre escassos. Muitas crianças e adolescentes não tiveram sequer a possibilidade de escolher, sendo-lhes imposta a «escola da vida», como única formação. Mesmo não constando dos livros, foram estes trabalhadores que fizeram os socos que continuamos a admirar. ■